

EM MEIO À CONSTRUÇÃO DO FORTE, O NEGRO CONSTRUIU SUA PRÓPRIA IDENTIDADE

Daiane Antunes Dias©

"(...) e o avô preto, carvão na pele, (...)" (FILHO: 2002, 7)

"Marfim nos dentes, o piche na cara." (FILHO: 2002, 19)

RESUMO[®]

A importância de **O forte**ⁱ, de Adonias Filho, para a Literatura Brasileira não se restringe ao fato de ser uma obra representativa da perfeição técnica do romancista. Seu valor está também na apaixonante trama, nas invulgares qualidades dramáticas e poéticas que a envolvem. A questão da identidade é fortemente apresentada na obra, publicada em 1979, uma vez que o negro (imigrante forçado) trouxe consigo uma cultura única que, certamente, influenciou o nativo, fazendo com que acontecesse o processo de transculturação.

PALAVRAS-CHAVE: negro, identidade, transculturação.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De acordo com Zilá Berndⁱⁱ, tradicionalmente, a identidade é caracterizada pela homogeneidade e está associada ao conjunto de características que define a pertença a uma etnia, a uma cultura, a uma nação ou, ainda, a um gênero. A questão identitária significa rastrear a diferença. Sem o outro, ou seja, o diferente, a existência do idêntico não é possível. Todavia, ao buscar o que distingue, o que singulariza, acaba-se excluindo o outro e isso leva a uma xenofobia. Portanto, pensar a identidade é pensar num processo de identificação e não em algo imóvel e estagnado. Mais da metade da população brasileira é formada por negros ou por mestiços de negros com brancos. E esta mistura, ou melhor, este encontro de raças, tradições e culturas deu origem à identidade do povo brasileiro.

O negro

Logo que os portugueses chegaram ao Brasil, houve uma tentativa de escravizar índios para utilizá-los nos trabalhos da lavoura. Entretanto, esse intento não deu certo, pois, além de não estarem acostumados ao trabalho agrícola, os indígenas não se adaptaram às tarefas nem ao modo de vida imposto pelos senhores de terras. Soma-se a isso o fato de que era bem mais lucrativo para a metrópole o comércio de africanos. Nessa época, já havia um comércio bastante intenso de escravos, o que, sem dúvida, dava grandes lucros, de modo que não foi difícil a importação de negros para suprir a necessidade de mão de obra barata e lucrativa. O forte comércio de negros – termo este imposto pelo dominador ao dominado – começou, aproximadamente, em 1530, ou seja, a partir dessa época, os africanos, trazidos sob correntes, já aparecem exercendo seu papel de escravo. Em 1535, o comércio estava regularmente constituído e organizado e, rapidamente, aumentava em proporções enormes.

A viagem da África para o Brasil era muito penosa para os negros. Estes, jogados nos porões imundos e abafados dos navios – negreiros ou tumbeiros -, sofriam todos os tipos de mazelas: doenças, fome, maus tratos, sendo que muitos morriam antes de chegar à costa brasileira. Eram homens, mulheres e crianças que, ao pisarem a nova terra, já estavam sendo postos à venda, como uma mercadoria qualquer. Os senhores de terras escolhiam os melhores, levando-os, em seguida, para as fazendas, onde iniciavam imediatamente os trabalhos rurais. Maridos eram separados de esposas e filhos, pois os europeus

não os consideravam como seres humanos e, sim, simples “peças” passíveis de serem compradas e vendidas.

Sem dúvida, o Brasil foi grandemente favorecido com a mão de obra escrava. Todo o trabalho era realizado pelos negros, desde o plantio da cana, limpeza dos canaviais, até o transporte e moagem da cana nos engenhos. Nas casas dos senhores, a situação não era diferente, já que os escravos africanos também faziam todo o serviço, isto é, lavavam roupa, organizavam a casa, cozinhavam e até mesmo escovavam os cabelos das filhas do patrão.

Com a chegada da decadência da lavoura canavieira, diversos escravos foram transferidos para áreas de extração de ouro. Porém, com o fim do ciclo de ouro, foi a vez das lavouras de café exigirem o serviço dos negros. Somam-se, ao trabalho pesado e contínuo, os maus tratos e os castigos, como palmatória, o açoite e o tronco. Muitas vezes, os africanos chegavam a ter as mãos e orelhas cortadas, os olhos furados e os dentes quebrados. Dormiam nas senzalas, recebendo apenas a comida suficiente para mantê-los em pé. Alguns tiveram seus corpos marcados a ferro em brasa.

Embora o negro tenha sido quase que totalmente despojado de suas tradições devido à relação dominado x dominador, a participação dele na sociedade brasileira foi de imensa relevância. Ele não só foi o responsável pela maior parte das riquezas produzidas no país, como também pela construção da identidade e cultura brasileiras, pois com ele veio a religião, os costumes, a língua, as danças, a música e a comida africanas.

Crenças religiosas	Umbanda, candomblé, macumba. Na África, os negros eram politeístas. No Brasil, misturaram suas divindades com os santos da Igreja Católica.
Comidas	Vatapá, munguzá, cuscuz, tutu-de-feijão, feijoada, acarajé, etc.
Danças e músicas	Congada, batuque, capoeira, samba, frevo, lundu, etc.
Vestuário	Saias rodadas, turbante, braceletes, xales, colares, balangandãs, etc.
Vocabulário	Molambo, banzé, tanga, cachimbo, mocotó, moleque, cafuné, quitanda, marimba, mocambo, canjica, miçanga, etc.

Para Bernd, o povo que sofre colonização possui um sentimento de desenraizamento com relação a sua cultura e ao seu território e esse sentimento de não pertença nem à terra mãe,

nem à nova terra acaba ocasionando um grande problema, já que os indivíduos que passaram pelo processo de colonização sentem uma imensa necessidade de reelaborar uma identidade de raiz única e fechada. O negro, imigrante forçado, pois sua imigração não se deu de forma espontânea, como com os alemães, italianos, açorianos, judeus, e demais povos que aqui chegaram, procura criar sociedades fechadas que originam as identidades fundadas no *Mesmo*, na tentativa de, assim, manter sua cultura, sua tradição. Porém, há o contexto de miscigenação dos povos, há o múltiplo e o plural. Todo o imigrante, forçado ou não, sofre uma desculturação e uma aculturação, ou ainda, uma antropofagia. A troca de culturas, ou melhor, o ato de compartilhar as diversas culturas existentes no mundo, sabendo-se aproveitar o que cada um desses povos trazem de mais proveitoso, é algo fantástico e que proporciona favoráveis mudanças para a sociedade.

Adonias Filho, em **O Forte**, exterioriza um povo que, ao mesmo tempo em que vai construindo o Forte, também constrói sua própria identidade. É o negro que, ao participar da edificação do Forte, interage com outros povos, conhece novas culturas e marca presença na formação do estado da Bahia.

“O índio nos serviu água, o braço do capitão rodou em torno do terreiro, e a sua voz cresceu com a ordem:

A cerca será de madeira de lei e as estacas com pontas de lanças.

No grupo, com o capitão, éramos quatro homens. O índio com o barril da água, o capitão com a pistola de dois canos, o empreiteiro de obras que se chamava Manuel Azul, e eu que devia marcar os limites do Forte. O sol tão firme que queimava a terra. Suávamos nas mãos, nas caras, nos peitos. A mesma voz e a recomendação:

emos pressa no serviço!

Medir, com a ajuda dos escravos, não foi difícil. Os pretos se vergavam, puxando o metro de madeira, enquanto localizávamos as dependências. Difícil foi cavar a terra para meter as estacas, unidas como os dedos na mão, suas pontas de lanças. A terra se fechava por dentro, dura como pedra, e parecia gemer

quando o ferro penetrava. Esforço tamanho para vencê-la que Manuel Azul disse:

A terra está reagindo.

Adivinhava talvez que em seu dorso um Forte se levantava.

(...) os negros calam, exaustos, alguns sangrando nas mãos." (FILHO:2002, 25)

"O trabalho não tinha como se interromper. Um escravo substituía outro na tarefa, carregando as estacas, retirando a terra dos buracos, montando a paliçada. Quando a cerca terminou, chegaram os tijolos, e começamos a levantar as paredes dos alojamentos, a primeira chuva de sangue caiu." (FILHO:2002, 25)

Na narrativa de **O Forte**, a miscigenação dos povos que chegaram ao Brasil é bastante tratada, porém esse composto é apresentado de forma que é possível perceber que o negro, embora livre, isto é, não mais escravo, ainda é visto como um ser inferior, submisso que jamais perderá seu rótulo de cativo.

"Um negro, mamãe também é negra, por que não sou uma negra?"

"Ele, meu pai, é um branco?" (FILHO:2002, 12)

"Mamãe o conheceu no círculo das músicas, pequena pianista negra, a moça sem resitência, fascinada pelo riso aberto. Todos viram, todos uma ao lado do outro nas ruas da Bahia. Nas feiras, nos cinemas, inseparáveis. Vinha deixá-la à porta de casa, os braços em seus ombros, já dominada como uma escrava."

"- A negrinha e o dono!" (FILHO:2002, 13)

"Voltou com a filha, uma pobre mulher, (...) Perdera o que tinha, os vestidos e as jóias, expulsa como uma cachorra. Espancada, enxotada, a negrinha na rua." (FILHO:2002, 13)

A mistura das culturas negra e branca não se deu, portanto, de forma igualitária, pois o negro, escravo, não possuía total liberdade de expor seus costumes, sua tradições. Essa realidade ainda persiste nos dias atuais. O negro continua, muitas vezes, sendo visto como um ser subalterno que realiza tarefas menos qualificadas e, portanto, de menor remuneração. No decorrer

da obra, tem-se o negro comparado a um animal, mais precisamente ao gado a quem não é dado o direito de escolha e, sim, o dever de puxar carroça, carregar peso e, no final do trabalho, de ir para o curral - senzala.

"O cerco apertando, espaços diminuindo, até que em nossos braços as armas viraram fogo. Gritos, as pragas, o fumaceiro. Todos queriam a morte, a liberdade na morte, o sangue nas pedras. (...)

A dor ou a fome me fez abrir os olhos e, pouco a pouco, as coisas se firmaram. O sol por cima, ainda sem calor, o dia começava. O gado negro – ferido, sujo, sangrando – enchia a praça que os soldados cercavam e em suas mãos brilhava o aço das baionetas. Alguns gemiam com as feridas expostas, os corpos unidos, sentados ou deitados, como em um porão negreiro. Procurei fixar a vista, reconhecer alguém, mas ouvi precisamente:

É como peste na senzala." (FILHO:2002, 62)

CONCLUSÃO

O Forte é uma narrativa selvagem, com personagens de uma braveza inconfundível. É a Bahia com o mar, as pedras e a areia. É o Forte com Olegário, Tibiti e Jairo. O romance reúne seus personagens para o encontro decisivo, o encontro com o Forte, com a importância do negro na construção da identidade Brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERND, Zilá & LOPES, Cícero Galeno (org.). **Identities e estéticas compostas**. Porto Alegre, 1999.
- DACANAL, José Hildebrando. **RS-Imigração e colonização**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- DIÉGUES Jr. M. **Imigração, urbanização, industrialização**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964, vol. 5.
- FILHO, Adonias. **O forte**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- PRATA, Olinda Maria Rodrigues (tradutora) & PEREIRA, Maria Ermantina Galvão G. **Métodos críticos para a análise literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido**. São Paulo: Siciliano, 1991.

VESENTINI, José William. **Sociedade e espaço – Geografia do Brasil**. 19ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

NOTAS

© Aluna do Curso de Letras, participante do projeto financiado pelo FIPE; no Laboratório CORPUS pela Professora orientadora: Drª Ceres Helena Ziegler Bevilaqua.

i FILHO, Adonias. **O forte**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ii BERND, Zilá & LOPES, Cicero Galeno (org.). **Identidades e estéticas compósitas**. Porto Alegre, 1999.